

ANGÚSTIA E LIBERDADE EM A *TERCEIRA MARGEM DO RIO*

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

orcid.org/0000-0002-3064-3635

RESUMO: Com o objetivo de abordar um pensamento que se encontra à margem da tendência hegemônica que apreende a existência de modo objetivo, buscamos o tema da angústia, tal como compreendido por Kierkegaard. Para esclarecer, por meio de imagens metafóricas o sentido pelo qual nos referimos a margem, utilizamos o conto de Guimarães Rosa intitulado *A terceira margem do rio*. Pelas reflexões filosóficas e a descrição literária, pretendemos alcançar um modo de ação na clínica psicológica em que a angústia atravessa toda a base dessa prática. E pela análise das obras do filósofo e do literato pretendemos alcançar um caminho, na psicologia clínica, que escapa dos conceitos abstratos para ir ao encontro da vida. Mostramos a importância da decisão como a ruptura que se dá na atmosfera da angústia em que algo irrompe como liberdade. Trata-se da angústia como a realidade da liberdade como possibilidade para a possibilidade, como definida por Kierkegaard e apropriada pela clínica psicológica em uma perspectiva fenomenológico-existencial. A angústia, tal como apreendida na clínica psicológica, diz respeito à experiência que o estudioso da clínica existencial busca entender por meio dos estudos dessa concepção em Kierkegaard. O psicólogo clínico ao apropriar-se da compreensão de que a angústia como tonalidade afetiva abre o existente para uma relação direta com a liberdade como possibilidade para a possibilidade e, quando esse instante acontece – momento oportuno –, irrompe a possibilidade de apropriação no caminho da singularização.

PALAVRAS-CHAVE: Guimarães Rosa. Psicologia Existencial. Sören Kierkegaard. Singularidade. Psicologia clínica.

ANGUISH AND FREEDOM IN *THE THIRD MARGIN OF THE RIVER*

ABSTRACT: To explore a perspective that stands apart from the hegemonic trend that apprehends existence objectively, we delve into the theme of anguish as understood by Kierkegaard. To elucidate the meaning, we attribute to the "margin," we employ the metaphorical imagery found in Guimarães Rosa's short story titled "The Third Bank of the River." Through philosophical reflections and literary description, our aim is to establish an approach within psychological clinical practice where anguish permeates the very foundation of this discipline. By analyzing the works of the philosopher and the literary figure, we strive to pave a path in clinical psychology that moves beyond abstract concepts to connect with the essence of life. We emphasize the significance of decision-making as the rupture occurring within the atmosphere of anguish, where something erupts as freedom. This involves interpreting anguish as the reality of freedom—a possibility for possibility, as defined by Kierkegaard and appropriated by psychological clinical practice from a phenomenological-existential perspective. The apprehension of anguish in psychological clinical practice relates

to the experience sought by scholars of existential clinical understanding through studies rooted in Kierkegaard's conception. The clinical psychologist, embracing the understanding that anguish, as an affective tone, opens the existing being to a direct relationship with freedom as a possibility for possibility. When this moment - this opportune moment - occurs, the potential for appropriation in the path of individualization bursts forth.

KEYWORDS: Guimarães Rosa. Existential Psychology. Sören Kierkegaard. Singularity. Clinical Psychology.

INTRODUÇÃO

A ênfase dada a este colóquio é a questão da margem. Essa denominação encontra-se presente na identificação do grupo de pesquisa intitulado “Margem Kierkegaardiana” e, também, no título do *Colóquio: Leituras à margem da angústia*. Para tratar da questão da margem, a proposta é discutir o tema da margem presente na poética de um escritor brasileiro, João Guimarães Rosa (2001a), em seu conto *A terceira margem do rio* e, assim, elucidar o sentido que se enuncia nas três perspectivas de estar à margem. O texto de Guimarães Rosa dialoga metaforicamente com a decisão na ruptura que se dá na atmosfera da angústia em que algo irrompe como liberdade.

A questão que pode surgir ao fazer referência à margem é o porquê da utilização de metáforas. Esclarecemos que essa referência se justifica por tratar-se de um caminho que nos foi ensinado pelo próprio Kierkegaard (1859/1988). E, seguindo as orientações do filósofo, pretendemos nos tornar exímios na comunicação indireta na qual aprendemos a utilizarmos-nos de metáforas para poder ir aonde o outro se encontra.

Por meio da utilização da comunicação indireta, trataremos de um tema eminentemente kierkegaardiano, a saber, a angústia – realidade da liberdade como possibilidade para a possibilidade – como definida por Kierkegaard (1844/1968). Ainda, utilizaremos a noção de liberdade compreendida como indeterminação que lança o homem à sua situação de ter que decidir e, como tal evidencia a atmosfera da angústia, que diferencia a ação do homem da ação do animal. E, ainda dialogando com Kierkegaard (1968), buscaremos pensar na angústia como esse lugar estranho que, na ambiguidade, ao mesmo tempo que se quer, não se quer. Como esclarecido pelo filósofo, trata-se de uma atmosfera que pode ser exemplificada pela experiência de uma criança que, ao ver um filme de terror, fecha um olho e abre o outro.

A estória, recitada por Guimarães Rosa (2001a) como terceira margem, resguarda um lugar que não é lugar definido e estático. Trata-se de um espaço de possibilidades sempre em

fluxo espaço-temporal. Lugar que, por ser o entre as duas margens, se encontra na travessia, na experiência, na vida como fruição e, ao mesmo tempo, tensão. Lugar estranho – angústia – que, pela sua estranheza, aponta para outra possibilidade.

Em *Seminários de Zollikon*, Heidegger (1987) esclarece a noção mais originária de tempo, utilizando como metáfora a flor de açafraão que aparece em tempo impróprio e inoportuno. Trata-se de uma flor sem tempo (*zeitlos*) – o nome é ziletosa e significa flor que não floresce no tempo certo – que floresce fora do tempo, o que significa no tempo impróprio e inoportuno, tal como se dá o aprecimento da atmosfera da angústia.

Angústia, terceira margem, flor de açafraão, clínica psicológica, tudo isso ocorrendo sem tempo e sem espaço, ou seja, em tempo impróprio e inoportuno. Impróprio uma vez que o homem, por sua indeterminação originária, não tem um tempo certo para florescer ou morrer. Inoportuno porque a relação humana não é algo da espécie de um negócio, ou de uma oportunidade, e nem mesmo pode ser deduzida por meio a relações causais. Angústia como estranheza, lugar do não familiar, ou seja, sem lugar, ou seja, terceira margem como um lugar possível nesse sem lugar que é a vida. Clínica psicológica, como encontro, refere-se ao encontro esse que de modo simples e singelo se abre para o instante feliz (Kierkegaard, 1844/1943). O psicólogo clínico, ao apropriar-se da compreensão de que a angústia como tonalidade afetiva abre o existente para uma relação direta com a liberdade como possibilidade para a possibilidade, tem a ciência de que quando esse instante acontece – em momento oportuno – irrompe a possibilidade de apropriação no caminho da singularização.

A proposta deste estudo é ressaltar que Sören Kierkegaard, Guimarães Rosa, a Psicologia Existencial e, especialmente, o grupo de pesquisa Margem Kierkegaardiana, todos, com seus estudos sobre Teologia, Filosofia, Psicologia e Literatura, decidiram-se por seguir o mesmo caminho de Adão em Gênesis (Kierkegaard, 1968), ou seja, saíram do paraíso, lugar das certezas e da segurança – portanto das margens da direita ou da esquerda – rumo à terceira margem, espaço em que reina a atmosfera da angústia, logo, das incertezas e dos riscos.

Por fim, o desafio aqui colocado é o seguinte: a cada um de nós cabe decidir o lugar que queremos e podemos permanecer: angústia ou paraíso? Destacamos, no entanto, que quando se deseja o paraíso permanecemos na ilusão, no desespero de querer o que não é possível; ao se encontrar em liberdade e, conseqüente, na atmosfera da angústia, obedece-se àquilo que transcende à vida. Transcender, aqui, entendido como instante em que se abre a possibilidade de escuta daquilo que é próprio a cada um e, ao mesmo tempo, a todos existentes. A angústia,

tal como apreendida na clínica psicológica, diz respeito à experiência que o analista da existência busca entender por meio dos estudos dessa concepção em Kierkegaard.

Pensar sobre a ideia de margem que se encontra tanto no interesse do grupo de pesquisa como também no conto do escritor, remete-nos ao exercício da clínica psicológica em uma perspectiva existencial. Perspectiva essa que, por não seguir os parâmetros de objetividade, verdade como representação, certezas e adequação, muitas vezes é tomada como que se encontrando à margem de um saber científico. Lugar esse que retira os estudiosos dessa perspectiva em psicologia do paraíso, acenando para um lugar no qual a realidade da liberdade aparece como possibilidade para a possibilidade.

A questão que nasce da provocação presente no título do colóquio, ou seja, margem, é o lugar onde se encontram os psicólogos clínicos que assumem a existência em sua tarefa, também na disposição da angústia – frente a frente às possibilidades, desprovida de técnicas e sem poder antecipar o que será realizado nesse encontro; logo, entregue às possibilidades, ao risco e no fluxo, como se esse psicólogo se encontrasse em uma canoa, na terceira margem do rio – no fluir do espaço e do tempo –, ou seja, na própria relação que, pelo seu caráter de ocasião, não pode se estabelecer por relações de causalidade.

1 – NA MARGEM DIREITA¹ DO RIO

Segundo Teixeira (2021), Kierkegaard em 20/07/1839 escreve em seu diário sobre todo seu encantamento com a ciência nascente. Nessa oportunidade, ele nos conta que se decidiu por fazer uma dissertação sobre suicídio na qual buscava analisar a relação desse fenômeno com a modernidade. Para tanto, procederia com levantamentos estatísticos e, a partir desses dados, procuraria saber o quanto o aumento do número de suicídios se encontrava relacionado às figuras acústicas patológicas. Ele ainda faria uma análise comparativa entre o suicídio na antiguidade com o de sua época. Kierkegaard pretendia alcançar uma teoria sobre o suicídio como um traço de caráter sociopsicológico. A estatística seria, assim, um meio e não um fim para a interpretação dos fatos sociais e psíquicos que envolvem esse fenômeno.

Kierkegaard, nesse momento, se encontrava na margem que convencionamos denominar de direita do rio. Entusiasmado pelas investigações das ciências naturais, como

¹ Convencionamos chamar de margem direita tudo que for alocado como o pensamento que visa as verdades representacionais e as perspectivas de adequação, ou seja, normativas.

aparece em uma carta escrita em 1835 para Peter Lund (Teixeira, 2022a), Kierkegaard discrimina dois tipos de ciências naturais com suas respectivas metodologias: de um lado, os colecionadores de detalhes empíricos que desconhecem a aplicação das suas observações. Esse pesquisador, tomado pela dispersão dos detalhes, perde de vista a unidade. Por outro lado, aqueles que defendem a primazia do todo sobre as partes, uma vez que as partes apenas possuem significado e função na relação com o todo.

Segundo Teixeira:

A pergunta sobre o objeto, o método e a natureza da Psicologia, a partir do século XVIII, recebeu três propostas: (i) a primeira, apresentada por Christian Wolff, apelava para a conciliação de uma *Psychologia Rationalis* com uma *Psychologia Empirica* baseada nas etapas da *Experimentalphysik* e no Princípio da Razão Suficiente; a segunda, propôs uma virada para a Fisiologia, tornando-se responsável pelo recrudescimento da Psicologia como Ciência independente da Filosofia; a terceira, fundada em uma espécie de estetização da experimentação psicológica, oferece uma abordagem existencial dos fenômenos mentais (2022a, p. 144).

A autora ainda argumenta a favor de que Kierkegaard tenha investido nessa última proposta. Em defesa ao seu argumento, apresenta o livro de Kierkegaard *A repetição* como tratando-se de uma ensaio que abarca uma psicologia experimental.

No início do ingresso da psicologia clínica como atividade destinada aos psicólogos, esse modo de atuação se encontrava em uma das margens do rio, ou seja, no lugar da ciência objetiva com fins a previsão e conseqüente correção. Arbitramos por denominá-la de direita, isso por ser o lugar das certezas obtidas por meio a cálculos e antecipações com o objetivo de adaptar aqueles que se encontravam fora da faixa de normalidade.

Kierkegaard nasceu e viveu na primeira metade do século XIX (1813-1855), período em que a Ciência Natural se separa da Filosofia. Esse estudioso acolhia essas novidades no momento mesmo de seu florescimento, entusiasmando-se com as grandes conquistas. No entanto, desconfiava do excesso de dados recolhidos da realidade e da pretensão de que, com estes infinitos detalhes, seria possível prever, dissecar e controlar as diferentes dimensões da realidade e da existência do homem, assim como questionar as instituições e disciplinas “a partir de mecanismos causais e da exploração empírica” (Teixeira, 2021, p. 5). O cientista natural parecia acreditar que era possível ver a vida do espírito em seus detalhes empíricos.

A Psicologia, que no Brasil tem início na década de 60 do século passado, aparecia com as propostas de medições e promessas de previsões. Mas, pouco a pouco, fomos perdendo o encanto. Há mais de 30 anos nos dedicamos a aprender a fazer psicologia experimentante, e

isso por meio de muitos dos escritos kierkegaardianos que evocam pressupostos psicológicos já nos seus subtítulos: *O Conceito de Angústia* é uma “simples reflexão psicológico-demonstrativa” (1844); a *Doença para a morte*, uma “exposição psicológico-cristã” (1849); a *Repetição* é “um ensaio de Psicologia Experimental” (1843). Nesse sentido, Teixeira (2022b) ainda ressalta que, em *O Conceito de Ironia* (1841) e nos *Discursos Edificantes*, respectivamente, encontramos:

O observador deve ser um erótico, nenhum traço, nenhum momento pode ser indiferente para ele ; [...] pois, se bem que o observador traga o conceito consigo, importa, mesmo assim, que o fenômeno não seja violentado, e se veja o conceito surgindo a partir do fenômeno (CI, p. 23, citado por Teixeira, 2022b, p. 144).

Ao permanecer na margem direita, ocupada pela psicologia clínica nascente, a ênfase do currículo que compunha essa formação se constituía por meio a disciplinas que promoviam o cálculo e a atuação por procedimentos de modificação do comportamento. Nos cursos de Psicologia, os alunos ouviam histórias de muitas passagens de verdades alcançadas estatisticamente e descobriam a interioridade das pessoas por meio de testes psicológicos. Alguns estudantes de Psicologia nutriam uma grande desconfiança sobre o que era postulado. Perguntavam-se se não havia uma espécie de trapaça, se seria possível ver a vida por meio dos números. Essas indagações ganhavam intensidade quando, estudando e aplicando testes psicológicos, previa-se se os motoristas profissionais estavam aptos a dirigir, se profissionais estavam aptos a desempenham determinadas funções, se as crianças poderiam ingressar em uma determinada instituição de ensino. A Psicologia, com esses instrumentos de medida da existência humana, separava os aptos do inaptos. Os profissionais dessa área de estudo eram capazes de, com os seus instrumentos de medida, ver quais homens mostravam sinais de impulsividade e agressividade que previam um perigo tal que seriam impedidos que continuassem a ganhar a vida fazendo, muitas vezes, aquilo que há 20 anos vinham fazendo e que nunca haviam passado por uma situação em que eles tivessem colocado a própria vida ou a vida dos outros em risco. Os psicólogos se dividiam: uma parte da equipe decidia que os profissionais que apresentassem em seus testes sinais de impulsividade e agressividade seriam reprovados. Outra parte se inquietava, duvidava e perguntava como poderíamos afirmar que aqueles homens não estariam mais aptos a exercerem suas atividades laborais. Algumas questões mobilizavam o grupo dos dissidentes: em que esses profissionais passariam a trabalhar? E as suas famílias passariam por necessidades?

Foi então que se formou o grupo à margem do pensamento hegemônico que tomava a psicologia como ciência exata. Começamos a juntar as madeiras com as quais mais tarde construiríamos nossa canoa. Decidimos pensar e apostar em uma psicologia que não excluísse, não adaptasse, ou, como afirma Baptista (1999), que não amolasse facas para cortar cabeças – como, por exemplo, ao afirmar categoricamente que tal homem se encontrava inapto para sua tarefa. Sabíamos que não tínhamos o poder de *divinar*. Não éramos a Niinha de Guimarães Rosa (2001b), não tínhamos certeza de que pelo caminho da ciência exata seria possível chegar a tais veredictos. Essas verdades eram totalmente questionáveis: a verdade, que se mostrava em ato, não correspondia à verdade que se apresentava pelos números. Esta verdade dizia respeito ao que se convencionou chamar de verdade – *veritá* – correspondência, representação. Indagávamos: Os números representavam a realidade? Era isso mesmo? Não sabíamos! Apenas sabíamos que não era na Psicologia que alcançava o real pelo numérico o lugar onde queríamos permanecer.

Começamos a construir a canoa. Passamos para a outra margem do rio; ainda queríamos terra firme. Estávamos à busca do paraíso.

2 – NA MARGEM ESQUERDA DO RIO

Abandonamos as tarefas da psicometria desenvolvidas no currículo acadêmico dos cursos de Psicologia e saltamos para a outra margem do rio. Margem: assim a denominamos por se tratar de um lugar que resiste ao modelo adaptativo presente na Psicologia que segue o método das ciências naturais.

Passamos a pensar atentamente uma psicologia clínica que se atrelasse mais a uma perspectiva do humano. Estudamos Rollo May, Rogers e nos encontramos com a filosofia, especificamente com Kierkegaard. Continuamos, ouvimos o que tinham a dizer autores como Heidegger, Sartre, entre outros. Encontrávamos, então, na psicologia fenomenológico-existencial. No entanto, tudo isso ainda parecia insuficiente para o que sentíamos no âmago do nosso ser ou do nosso ver ao fazer psicologia.

Em um dado momento pensamos em coro: Não sei! Sentíamo-nos no interior do “círculo de giz do peru” ou ainda “Com a goma arábica da língua” – palavras de Guimarães Rosa. Nós *divinávamos* que precisávamos fazer aquilo que nos diz Bloch em *Criança diz cada*

uma: “diante de uma casa em demolição, o menino observa:- ‘Olha pai! Estão fazendo um terreno!’” (Rosa, 1969, p. 8).

Ainda, embebedando-nos de filosofia para alcançar aquilo que *divinávamos*, ouvíamos Caeiro (2006) dizendo, em uma conversa ao pé do ouvido, coisas do tipo: “não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores. É preciso também não ter filosofia nenhuma”. Ele continua: “é preciso ter a alma desnuda”; “Retirar as tintas com que nos pintaram”; e, ainda: “conhecer é um saber de segunda mão”.

Fomos tomados por uma grande inquietação, desespero; queríamos desistir, mas não conseguíamos. Continuamos, estudamos um pouco mais de Filosofia. Estabelecemos um rico e demorado diálogo com a Literatura e continuamos flertando com a Filosofia para podermos sustentar, cada vez mais, as bases de uma psicologia clínica em uma perspectiva fenomenológico-existencial. A poesia e a prosa muito nos ajudaram a pensar na prática clínica, uma vez que tanto a Literatura em sua narrativa é rica em mostrar as diversas experiências humanas como a poesia nos ajuda a pensar para além de uma lógica linear, como aquela que utilizávamos estatisticamente.

No início e no meio, nossos escritos faziam citações, deixando que aqueles que citávamos falassem por nós. Além de ser bem-visto pela academia, isto fazia que um outro assumisse a responsabilidade pelo que nós estávamos dizendo. Ensinamos muito e aprendemos mais ainda com aqueles que nós, em nossa tarefa de professores, teríamos que ensinar. No entanto, continuávamos em terra firme.

3 – NA TERCEIRA MARGEM DO RIO

Kierkegaard diz em seu diário: “fiquei muito entusiasmado com as Ciências Naturais, mas não acho que farei delas o meu estudo principal. Para mim a vida é em virtude da razão e da liberdade” (citado por Teixeira 2022a, p. 36). Ou, ainda, como citado por Teixeira:

Para Kierkegaard, Deus, salto, liberdade, ética, escolha, fé, self, consciência exigiam análises de transições qualitativas e não tabulação de dados quantitativos; são questões sobre o homem e não sobre a natureza física disponível ao conhecimento objetivo. O interesse de Kierkegaard na existência não poderia ser satisfeito por uma explicação apenas física, biológica ou apenas psicológica – o homem não é um ser espiritual nem físico, mas uma síntese de ambos (2021, p. 24).

Nós insistíamos em dizer que queríamos ganhar liberdade, não queríamos mais ter que pedir a benção aos filósofos. Queríamos apenas dialogar com eles. Foi, então, acabando de

construir a canoa, que passamos a viver na terceira margem do rio. Manoel de Barros (2016) dizia mais ou menos o seguinte: temática sugere tese, tese sugere ideia a ser desenvolvida. Sugere comunicação. Sugere ainda descrição de alguma coisa. O escritor conclui que quem descreve não é dono do assunto: quem inventa, é. Em fusão com a natureza, queríamos conquistar coisas que se aproximam daquilo que nos diz Manoel de Barros: “eu queria crescer pra passarinho...”. Nós queríamos inventar e, por isso, perguntávamo-nos: só os sabiás *divinam*?

Foi remando que, pouco a pouco, aprendemos a roubar ideias e não a copiá-las. Foi roubando as ideias dos escritores que criamos outro caminho para pensar a clínica. Ao roubar as ideias do filósofo, que pensou uma ontologia fundamental, aprendemos a pensar de modo a resistir às determinações hegemônicas presentes nos sistemas psicológicos. Estávamos nos libertando do aprisionamento de um modo de pensar científico. A literatura em verso e prosa permitiu-nos, cada vez mais, afinarmo-nos com a experiência do outro. A Filosofia nos ajudou a destruir verdades estabelecidas, principalmente no âmbito das teorias psicológicas, ou seja, nos ensinou a exercitar o pensamento. Nesse exercício concluímos: a psicologia clínica existencial, tal como a literatura, volta seu interesse para a experiência do homem, bem como a clínica ocorre por um modo específico de exercício do pensamento.

Começamos a remar em uma experiência ética mais originária na relação clínica – afastando-nos de um comportamento ético que posiciona por meio das teorias como a relação clínica deve acontecer, mas por aquilo que denominamos de *ethos* mais originário; simplificando, poder permanecer na *Terceira margem do rio* (também roubamos de Guimarães Rosa). E, nesse lugar, permanecer no movimento, na cadência do ter sempre que está em relação, na qual estão em jogo, o rio: margens, água, correnteza; o barco: estrutura, material do qual ele é feito e aquele que se encontra no barco. Ou seja, manter-nos em uma relação em que ficamos atentos ao *ethos* mais originário, deixando que a medida mais originária acontecesse na própria relação; trata-se, por isso, da medida existencial.

Aprendemos que ficar na relação é perder a necessidade de corresponder ao binômio sujeito e objeto. Percebemos que em todo esse percurso o que queríamos era pisar em solo firme, ficando seguros em uma das margens. Vimos que estávamos nos comportando meio como o bêbado de *Nós, os temulentos*, também de Guimarães Rosa (2001b). Ao tentar encontrar o lado certo, perguntávamos ao transeunte onde ficava o outro lado. Quando o transeunte apontava para o outro lado, dizíamos: mas acabamos de vir de lá. Meio que os grandes filósofos,

bem como os grandes literatos, tentavam nos apontar para aquilo que poderia nos libertar, mas só olhávamos para o dedo deles e não para o que eles apontavam.

Aprendemos a permanecer na relação, pacientemente, deixando que a própria relação apontasse o caminho a seguir. Aprendemos, também, que o que importa é o problema que o paciente apresenta – nesse momento, o psicólogo caminha ao encontro daquele que se apresenta à sua frente. Não há pressa, mesmo na situação em que o paciente queira acabar com sua própria vida. No pensamento clínico, mantemos a ideia de que devemos aceitar as coisas mesmo que não as compreendamos. Se assim não fosse, a entrega à relação não ocorreria. Mas, como entregar-nos à relação? Como se faz isso? Não sabemos dizer. Sabemos apenas que não se trata de uma mera técnica. Mesmo porque a relação clínica que queremos estabelecer não acontece em meio às técnicas. Através das técnicas lidamos com as coisas que podem ser previsíveis; o homem, com suas emoções e comportamentos, está sempre na ordem do imprevisível, do incalculável e do inesperado, tal como a flor de açafraão. Aprendemos com a poesia que só andando aprendemos a andar. E, como por um milagre, andamos. E tudo acontece sem pressa, como nos diz Caeiro: “ter pressa é acreditar que a gente passa na frente das pernas, ou que, saltando, passamos por cima da sombra” (2006, p. 143).

Caminhamos lado a lado com Kierkegaard (1843/2007) para poder conquistar o ser livre em paciência e, assim, abrir um espaço para a conquista de si mesmo na sua situação de finitude e vulnerabilidade. Com paciência pudemos conquistar o nosso caminho, abrindo um espaço para que o outro também pudesse conquistar a si mesmo. Caminhamos com Heidegger (1959) para saber mais sobre a serenidade, para poder saber que estamos no mundo, mas sem ser dele. Saber aquilo que nos determina, podendo dar um passo atrás. Paciência e serenidade para conquistar o arte do deter-se frente àquilo que aparece. Ao fazê-lo, nos distanciamos da vontade em seguir um ritmo acelerado, dos excessos, e pudemos, então, deixar que a medida de cada existir pudesse aparecer. Como coração simples singelo (Fogel, 1998), dar tempo ao recordar, dar tempo ao tempo, dar tempo à existência que, no final das contas, é tempo.

Foi necessário, portanto, que nós pudéssemos pensar para além das determinações do impessoal. Por isso a importância da poesia, da filosofia, da literatura. Essas formas de saber não são debitárias de um modo de pensar lógico abstrato. Passamos a pensar a vida acompanhando a vida mesma.

Encontramo-nos na terceira margem do rio, no entre, no inter-esse. Guimarães Rosa (2001a), em a *Terceira margem do rio*, nos lembra outra vez da importância do *entre*. Esse

entre que é o mais fundamental para que as outras duas margens se formem. Esse mesmo poeta nos conta a história do bêbado, em *Tutaméia*, que pergunta insistentemente onde fica o outro lado; e, ao chegar do outro lado e fazer a mesma pergunta, tem a mesma indicação lá – lado oposto ao que ele se encontra. O próprio bêbado ia de um lado para o outro para encontrar algo que não estava em lado algum (Rosa, 2001a).

Sobre a experiência da angústia, como a tonalidade afetiva que nos abre para as possibilidades, Guimarães Rosa exemplifica essa experiência, em sua negatividade, com o menino que, diante de uma casa sendo demolida, observa: “olha, pai! Estão fazendo um terreno!” (Rosa, 1967, p. 27). Perceber a possibilidade de se construir algo pela negatividade provoca estranheza de estarrecer toda a gente. É como a terceira margem do rio que, mesmo parecendo em um primeiro momento que não existe, se nos demormos, poderemos ver que essa terceira margem tem uma posição, é um lugar, é ir além sem se mover:

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia (Rosa, 2001a, p. 70).

A vida é o que fica em total fluxo, como a terceira margem do rio. O psicólogo é a canoa que, nessa terceira margem, é passageira, evanesce e desaparece. Nada disso importa, e fazendo valer o que diz Kierkegaard (1847/2005) em *As obras do amor*: o amor se reconhece pelos seus frutos.

4 – UMA CONVERSA AO PÉ DO OUVIDO COM FILÓSOFOS E POETAS

E, ao pensar junto ao filósofo, surge a questão: seria o psicólogo um *technites* que, segundo Heidegger (1958), é aquele que o seu fazer decisivo é guiado por uma compreensão? Ele afirma, ainda, que a obra do *technites* pode ser científica, filosófica, poética ou um discurso político, e conclui aproximadamente o seguinte: *Arte é téchne*, mas não tecnologia. *Téchné* é um tipo de conhecimento que antecipa, antecipação essa que necessita de um ver.

Para esclarecer sobre esse ver, vamos ao encontro de Atena, deusa grega, que é apresentada acompanhada por uma coruja. Coruja que, com seus olhos em relevo, tanto vê durante o dia quanto vê durante à noite. E, com a possibilidade de rotar a cabeça em 360^a graus, vê em todas as direções. Isso aponta para o fato de que essa deusa é aquela que traz à luz aquilo que por vezes se encontra invisível. Ela é a conselheira que ajuda a trazer algo à luz em ações

e feitos por meio a tornar visível o invisível. E, ainda, essa deusa é a que medita, medita no sentido de buscar a medida. Atena é a deusa que cuida da possibilidade de ver aquilo que não se alcança com um simples olhar; aconselha no sentido de esclarecer e medita deixando aparecer a medida, o limite: “entretanto, o limite não é meramente um contorno e um enquadramento, não é meramente o onde alguma coisa acaba. Um limite é aquilo através do que uma coisa é recolhida ao que lhe é próprio, de forma a aparecer em toda a sua plenitude, emergindo na presença” (Heidegger, 2012, p. 88). Junito de Souza Brandão finaliza a apresentação de Atena dizendo: “deusa da fecundidade, deusa da vitória e deusa da sabedoria, Atená simboliza mais que tudo a criação psíquica, a síntese por reflexão, a inteligência socializada” (2014, p. 92).

Ver a totalidade ou estar nela é não estar em margem alguma e, ao mesmo tempo, estar em todo o rio. Ressaltamos que aquilo que se apresenta sem limite não guarda uma essência. Por fim, aprendemos com Atena o pensamento na medida em que nos atentamos ao que se dá a pensar, ou seja, atendemos a tudo que é digno de pensamento. Na tarefa de Atena, nos aproximamos da tarefa que consideramos própria ao psicólogo!

Nós, no exercício da clínica, permanecemos no interesse – inter-esse – que, segundo Heidegger (1958), significa ser entre as coisas, em meio de uma coisa, na travessia e permanecer junto a ela, as reais disposições. Estar junto às coisas por interesse não é o mesmo que estar entre o que é avaliado como interessante. O homem moderno tende a apenas se voltar para o interessante. Essa relação no modo do interessante se caracteriza pela indiferença daquele que imediatamente já está interessado no próximo momento, momento este que logo nos afeta tão pouco quanto o anterior. Estar afinado pelo interesse consiste em permanecer junto às coisas e junto a elas poder demorar-se. Isso mostra-nos como aquilo que Guimarães Rosa (2001), metaforicamente, fala daquele que se encontrava na terceira margem, tal como nós nos encontramos na tarefa da clínica.

Por fim, chegamos à conclusão de que mesmo que a avaliação da ciência esteja correta, ela permanece apenas como um tipo de juízo externo à própria situação existencial de quem vive a experiência. E estar junto àquele que vive a dor e o sofrimento é a tarefa da clínica. Tarefa difícil, pois, tão logo ouvimos o canto da sereia da ciência, podemos nos desviar do caminho e, desobedientes, atirarmo-nos ao mar para ir ao seu encontro. E, nesse caminho, ir ao encontro do milagre que em seu significado estético só nos resta acreditar que ele é possível.

Para permanecer na terceira margem, ou seja, acreditando no milagre da vida, vamos dialogar um pouco com Clarice Lispector. No texto intitulado *Palavras apenas fisicamente*, diz ela:

Na Itália *il miracolo* é de pesca noturna. Mortalmente ferido pelo arpão, larga no mar sua tinta roxa. Quem o pesca, desembarca antes de o sol nascer – sabendo com o rosto lívido e responsável que arrasta pelas areias o enorme peso da pesca milagrosa: *il miracolo amore*.

Milagre é lágrima caindo na folha, treme, desliza, tomba: eis milhares de *milágrimas* brilhando na relva.

The miracle tem duras pontas de estrela e muita prata farpada. *Le miracle* é um octógono de cristal que se pode girar lentamente na palma da mão. Ele está na mão, mas é de se olhar. Pode-se vê-lo de todos os lados, bem devagar, e de cada lado é o octógono de cristal. Até que de repente – arriscando o corpo e já toda pálida de sentido – a pessoa entende: na própria mão aberta não está um octógono, mas *le miracle*. A partir desse instante não se vê mais nada: tem-se.

Para passar de uma palavra física ao seu significado, antes destrói-se em estilhaços, assim como o fogo de artifício é um objeto opaco até ser, no seu destino, um fulgor no ar e a própria morte. Na passagem de simples corpo a sentido de amor, o zangão tem o mesmo atingimento supremo: ele morre (2020, p. 246).

Com esse trecho de Clarice Feijoo (2017), depois de utilizar muitas metáforas e a comunicação indireta, a autora tenta mostrar o quanto é difícil esclarecer o quê e o como da clínica psicológica em uma perspectiva existencial. Essa autora diz: “sei que é difícil, mas eu vou falar mesmo assim” (Idem, p. 15). Para finalizar a reflexão, ela decide pensar na clínica como a terceira margem e, portanto, na ordem do indizível, ou seja, do milagre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, Freud (1913/2006) em *Totem e tabu* cita Goethe para referir-se à formação do inconsciente através do recalque, sugerindo que os filhos se apropriem daquilo que herdaram de seus pais. Precisamos nos acalmar, sermos sempre aprendizes. Por isso, repetimos desassossegados o que Kierkegaard nos ensinou, esquivando-nos, contornando, apreendendo e, de repente, podemos ver que não fomos certos como foi o filósofo Kierkegaard, nosso mestre.

Sabemos que toda essa reflexão só foi possível com a permissão do filósofo para estudar por meio das reflexões filosóficas o que se encontra no âmbito da Psicologia como ciência existencial. Para tanto, precisamos nos apropriar do que herdamos do filósofo dinamarquês. Fomos, no desenrolar de nossa psicologia, fiéis à sua filosofia, mas, para pensarmos a Psicologia, precisamos de uma certa infidelidade. Repetimos o que o filósofo nos ensinou e, às

vezes acertando, outras vezes errando, retomamos à nossa psicologia como algo que nos abre para o novo. Por fim, concluímos: Aquilo que herdamos do nosso mestre Kierkegaard, precisamos conquistá-lo, a cada vez, para fazê-lo nosso.

Para terminar, queremos mostrar com as palavras de João Guimarães Rosa – quando entrevistado por Günter Lorenz que recebeu a denominação “Diálogo com Guimarães Rosa”² – nosso grande projeto na tarefa da psicologia clínica:

Vou lhe revelar um segredo: creio já ter vivido uma vez. Nesta vida, também fui brasileiro e me chamava João Guimarães Rosa. Quando escrevo, repito o que vivi antes. E para estas duas vidas um léxico apenas não me é suficiente. Em outras palavras: gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. O crocodilo vem ao mundo como um magister da metafísica, pois para ele cada rio é um oceano, um mar da sabedoria, mesmo que chegue a ter cem anos de idade. Gostaria de ser um crocodilo, porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como os sofrimentos dos homens.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, L.A. *Cidade dos sábios*. São Paulo: Summus, 1999.

BARROS, M. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

BRANDÃO, J. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1995.

CAEIRO, Alberto. *Poesia completa de Alberto Caeiro*. Rio de Janeiro, Brasil: Companhia das Letras, 2006.

FEIJOO, A.M. A clínica psicológica: “Sei que é difícil, mas eu vou falar assim mesmo”. In. *Poesia e prosa em diálogo com a clínica psicológica*. Rio de Janeiro: Edições Ifen, 2017.

FOGEL, G. *Da solidão perfeita*. Rio de Janeiro, RJ: Mauad, 1998.

FREUD, S. *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

HEIDEGGER, M. *Zollikoner seminare*. Frankfurt am Main: Klostermann, 1987.

_____. *Essais et conférences*. Paris: Gallimard, 1958.

_____. Serénité. In. *Questions III et IV*. Paris: Gallimard, 1959.

² Disponível em: <<https://www.elfikurten.com.br/2011/01/dialogo-com-guimaraes-rosa-entrevista.html>>.

KIERKEGAARD, S. *Ou bien...ou bien*. Paris: Editions Gallimard, 1943.

_____. *O conceito de angústia*. São Paulo: Hemus, 1968.

_____. *Mi punto de vista*. Madrid: Aguilar, 1988

_____. *Adquirir sua alma na paciência*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2007

_____. *As obras do amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos*. Bragança paulista: Editora universitária São Francisco.; Petrópolis: Vozes, 2005.

LISPECTOR, C. Palavras apenas fisicamente. In. *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

PESSOA, F. *Poemas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROSA, G. Aletria e hermenêutica. In: *Primeiras estórias*, 1969.

_____. A terceira margem do rio. In. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001a.

_____. Nós, os temulentos. In: *Terceiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001b.

TEIXEIRA, N. Kierkegaard e as ciências naturais do século XX. *Dissertatio* 54, pp. 3-31, 2021.

_____. *O que um filósofo da existência ainda tem a dizer sobre a consciência? Kierkegaard e o problema da Bevidsthed* / por Natalia Mendes Teixeira. 304f. (Tese de Doutorado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, São Leopoldo, RS, 2022a.

_____. A psicologia experimentante de Kierkegaard como resposta. *Griot: Revista de Filosofia*, Amargosa - BA, v.22, n.1, pp. 144-156, fevereiro, 2022b.

I – INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Psicóloga. Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Departamento de Psicologia Clínica-DPC e Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social-PPGPS da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Programa de Extensão UERJ pela Vida, do projeto de extensão: *Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia da Existência* (LAFPE) e do projeto de Iniciação Científica sobre suicídio. É bolsista produtividade



Angústia e Liberdade em A Terceira Margem do Rio
FEIJOO, A. M. L. C.

– PQ2 (CNPQ). Pró-cientista da UERJ e Cientista do Nosso Estado-FAPERJ. E-mail: ana.maria.feijoo@gmail.com

II – INFORMAÇÕES SOBRE O ARTIGO

Recebido em: 07 de janeiro de 2024

Aprovado em: 19 de janeiro de 2024

Publicado em: 30 de março de 2024